

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA INFANTIL NA RESSIGNIFICAÇÃO DE TRAUMAS

Laura Rios Ramos Brilhante

Orientadora: Ma. Helena Borges Ferreira

“Queremos ter certezas e não dúvidas, resultados e não experiências, mas nem mesmo percebemos que as certezas só podem surgir através das dúvidas e os resultados somente através das experiências.”

Carl Jung

RESUMO

Durante a infância, a criança tem como principal fonte de informação e conhecimento a sua família mais próxima. Desta forma, as influências vindas dessas pessoas vão moldando a forma que esse ser humano em formação vê o mundo, dá significado aos acontecimentos e interpreta as situações por ele vivenciadas. Porém, uma criança que passa por situações estressoras, maus-tratos e negligências, tende a reter os sentimentos provenientes dessas passagens para melhor se adaptar ao meio que convive. Fazendo isso, essas conjunturas estressoras se tornam potenciais traumas, que vão se desenvolver e serem efetivadas de forma concreta na vida adulta. O estudo buscou compreender quais são as situações estressoras que mais potencializam os traumas e como o profissional de psicologia pode atuar de forma preventiva para que essas passagens não se tornem efetivamente traumas na idade adulta. Todo compilado teórico foi realizado por meio das bases de dados Scielo, Pepsic e referidas revistas científicas, estando em Língua Portuguesa sem considerar períodos específicos. Portanto, trabalhar essas técnicas de ressignificação ainda na infância, pode auxiliar o indivíduo a tomar real consciência das situações vividas, e visualizar de uma nova perspectiva as mesmas situações de forma mais positiva o possível, para que tenha uma vida com menos experiências emocionais desagradáveis, e contribuindo com a sua qualidade de vida.

Palavras-chave: Trauma. Estressores. Ressignificação. Prevenção. Personalidade. Técnicas

ABSTRACT

During childhood, children have their closest family as their main source of information and knowledge. In this way, the influences coming from these people shape the way that this human being in formation sees the world, gives meaning to events and interprets the situations he experiences. However, a child who goes through stressful situations, abuse and neglect tends to retain the feelings arising from these passages in order to better adapt to the environment he lives with. In doing so, these stressful situations become potential traumas, which will develop and be concretely implemented in adult life. The study sought to understand which are the stressful situations that most potentiate trauma and how the psychology professional can act in a preventive way so that these passages do not effectively become traumas in adulthood. The entire theoretical compilation was carried out through the Scielo, Pepsic and scientific journals databases, being in Portuguese without considering specific periods. Therefore, working on these resignification techniques in childhood can help the individual to become really aware of

the situations experienced, and to visualize the same situations in a new perspective as positively as possible, so that they have a life with less unpleasant emotional experiences, and contributing to their quality of life.

Keywords: Trauma. stressors. Resignification. Prevention. Personality. techniques

INTRODUÇÃO

Segundo pesquisas, é possível observar que várias situações estressoras vividas na infância, são configuradas como traumas. Sigmund Freud compreende o trauma como uma perturbação na psique, que causa grande por excitação psíquica, que pode deixar marcas pelo resto da vida (FREUD, 1893). Desta forma, os traumas não afetam apenas o contexto atual de quem os vive, mas são manifestados principalmente na vida adulta, associadas a prejuízos psicológicos, transtornos mentais e de humor.

O estímulo estressante psicológico é fator relacional nas reações ao estresse, ou seja, é diferente a cada indivíduo que passa por ela, determinado que o mesmo agente poderá ser estressante para um determinado indivíduo e não necessariamente para outro, ou a intensidade de seu impacto será maior ou menor de acordo com as vivências e interpretações empregadas por cada um (LAZARUS; FOLKMAN, 1984). Isso acontece associado a vários fatores, como o ambiente em que está inserido, a frequência do acontecimento, e até mediante a valores preestabelecidos pela pessoa, segundo sua personalidade.

Desta forma, o acompanhamento psicológico tem influência significativa de como os estressores serão interpretados pela criança, auxiliando no modo com que cada uma enxerga o acontecimento. A psicologia infantil poderá trabalhar com a criança seus sentimentos e emoções acerca de cada um dos eventos, e assim, a interpretação como forma de enfrentamento.

A revisão literária foi realizada por artigos científicos das plataformas Scielo, PEPISIC, CAPES e revistas citadas, com o intuito de verificar de qual maneira o trabalho do psicólogo infantil pode auxiliar para que traumas vividos na infância não perpetuem na vida adulta de forma patológica e verificar porquê o espaço de atuação do psicólogo infantil se restringe a trabalhar apenas mediante patologias preestabelecidas e não de forma preventiva a consequências futuras.

1. TRAUMAS INFANTIS MAIS COMUNS E SUAS PRINCIPAIS IMPLICAÇÕES

Os traumas são resultado de situações potencialmente traumáticas que não são bem trabalhadas psiquicamente por aqueles que a elas foram expostos. Muitas são as variações dos traumas, podendo ter interferências como a quantidade de vezes que o indivíduo foi exposto a esta situação, a continuidade ou não, o momento, sua capacidade de significação, e a principal que reúne todas essas potencialidades: A idade.

Sobre o desenvolvimento psíquico, as crianças estão em processo de desenvolvimento da personalidade até completar 7 anos, aproximadamente. Mesmo após completar esta idade, o processo de ganho de maturidade mental e emocional, ainda tem um longo caminho até chegar ao processo de significação imediata. Conclui Pino (2005 p.215)

[...] o processo de evolução (desenvolvimento) tem uma dupla dimensão: de amadurecimento biológico (anatômico, fisiológico e neurológico) e de transformação cultural. Um está ligado intrinsecamente ao outro.

Para o desenvolvimento completo, a pessoa tem que ter os dois processos de evolução já bem estabelecidos, o que a criança ainda não tem, fazendo com que busquem em seus pais ou responsáveis, o instrumento para atribuir significado aos acontecimentos de sua vida.

Porém, muitas vezes, uma criança exposta a uma situação de risco ou potencialmente traumática, tem apenas aquelas pessoas envolvidas no processo para dar significado aos acontecimentos, fazendo então, que sejam manipuladas a interpretar situações de risco, de forma a entender que aquilo é considerado “normal”.

Após o passar dos anos, com a experiência de vida na qual todas as pessoas são expostas, pela convivência social, educação, informação, cultura, etc; é possível voltar às lembranças da infância e verificar que aquelas situações foram mal trabalhadas, e potencialmente traumáticas, que por sua vez, podem ter se manifestado ou não. Freud (1919/1980e) afirma,

entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que retorna. Essa categoria de coisas assustadoras constituiria então o estranho...Esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo da repressão (p. 300-301).

Apesar das crianças sofrerem interferências pelos pensamentos dos adultos à sua volta, a capacidade sentimental, por sua vez, não pode ser totalmente influenciada, o que faz com que

a criança sinta que determinadas vivências os trazem uma sensação ruim, ou por vezes, dolorosa a níveis sentimentais.

Para melhor compreender como é possível trabalhar os traumas de forma preventiva, é necessário saber quais são as principais situações de risco na vida de uma criança que podem se transformar em traumas. Segundo pesquisas realizadas pelo Fundo Nacional das Nações Unidas para a Infância, foram possíveis destacar alguns eventos principais e mais recorrentes.

1.1 Violência Doméstica:

A violência doméstica pode se caracterizar como quaisquer tipos de violência vivenciados por uma família dentro da residência em que convivem e podem estar associadas a má estrutura familiar.

Conforme afirma Caravantes (2000, p.229),

a violência intrafamiliar pode ser compreendida como qualquer ação ou omissão que resulte em dano físico, sexual, emocional, social ou patrimonial de um ser humano, onde exista vínculo familiar e íntimo entre a vítima e seu agressor.

A violência doméstica, apesar de caracterizar de forma muito entrelaçada, pode-se articular separadamente como violência física, sexual, emocional e psíquica.

1.1.1 Violência física:

Quando se utiliza da força física para causar ou tentar causar danos a outras pessoas. Além do próprio corpo, podem ser utilizados instrumentos como armas, facas, etc. Esse tipo de violência causa vários danos a quem os recebe, como hemorragias, hematomas, prejuízos no funcionamento de órgãos, e até a morte. Em relação as crianças, esse tipo de violência é ainda mais danoso, pois pelo tamanho e fragilidade, a intensidade dos machucados é maior, além de causar lembranças musculares.

Segundo Wolf (1986, p.220),

[...] No trauma de infância, alguns dos nossos músculos esqueléticos se contraem e não voltam a relaxar, mas retém a memória corporal, da mesma forma como a mente retém a memória mental do trauma. Quando o músculo se fixa numa posição e não consegue relaxar, pode-se dizer que há uma lembrança guardada no músculo.

Isso demonstra que, muitos adultos possuem uma sensibilidade maior que o comum em algumas áreas do corpo, e podem não se atentar conscientemente do motivo, porém, os

músculos guardam no cérebro a memória física, e fazem com que certas áreas sejam excessivamente privadas e protegidas, demonstrando traumas.

1.1.2 Violência sexual

É todo ato em que alguém obriga outra pessoa a realizar práticas sexuais contra sua vontade por meio de força física ou influência psicológica. Na violência sexual infantil vários fatores são levados em consideração, afirma Furniss (2002, p. 15):

a) a idade do início do abuso; b) a duração do abuso; c) o grau de violência ou ameaça de violência; d) a diferença de idade entre a pessoa que cometeu o abuso e a criança que sofreu o abuso; e) quão estreitamente a pessoa que cometeu o abuso e a criança eram relacionadas; f) a ausência de figuras parentais protetoras; g) o grau de segredo.

Esse acontecimento tem uma grande influência na vida da criança, que é forçada a fazer algo em que não se sente à vontade, sente dor, é emocionalmente abalada, mas que em muitas vezes, se sente de mãos atadas e até mesmo compactuante, por não saber como agir.

A experiência da criança como participante no abuso explica como as crianças que sofreram abuso prolongado frequentemente expressam fortes sentimento de culpa, independentemente do grau de cooperação e da vontade de participar do abuso. O sentimento de culpa da criança origina-se de seu senso equivocado de responsabilidade, que ela deriva do fato de ter sido uma participante no abuso. Essa confusão muitas vezes é reforçada pelas ameaças da pessoa que cometeu o abuso, de que a criança será responsável pelas consequências se revelar o abuso. A persistente experiência psicológica de participação e culpa também explica a baixa autoestima e o posterior comportamento de vítima dos adultos que sofreram abuso sexual quando crianças (FURNISS, op cit, p. 17).

1.1.3 Violência psicológica Emocional e Psíquica

A Violência psicológica são ações que trazem prejuízos emocionais àqueles que a recebem. No contexto infantil, existem várias formas de expressar essa forma de violência.

- Castigos excessivos, recriminações, culpabilização e ameaça.
- Rejeição ou desqualificação da criança ou adolescente.
- Uso da criança como intermediário de desqualificações mútuas entre pais em processo de separação.
- Responsabilidades excessivas para a idade (cuidar de irmãos menores ou desenvolver seu auto-cuidado médico ou patologia crônica).
- Isolamento devido mudanças frequentes ou a proibição de convívio social.

- Clima de violência entre os pais e uso da criança como objeto de descarga emocional.

- Uso inadequado da criança como objeto de gratificação, não permitindo independência afetiva. (SPB, CLAVES, ENSP, FIOCRUZ, 2001.p.27)

Dentre as modalidades de violência, é a mais difícil de ser identificada. Diante o contexto é importante destacar, que essa categoria não afeta a criança apenas quando cometida diretamente com a mesma, mas com aqueles que ama e, principalmente, com a figura materna, e até mesmo na vida intrauterina.

A crianças vítimas de violência psicológica costumam ter consequências em longo prazo como: distúrbio do crescimento, coordenação motora, dificuldade de aprendizagem, desequilíbrio emocional e social, tais como agressividade, passividade, hiperatividade e distúrbio do controle de esfíncteres.

Na cultura de convivência, uma criança que está inserida neste meio, entende que esse tipo de situação, principalmente quando recorrente, é considerada habitual. E assim sendo, ela utiliza de forma adaptativa inata, a repetição destes comportamentos, e torna-se uma pessoa potencialmente violenta.

Apesar da adaptação, é necessário entender que até para as pessoas que estão habituadas com a violência doméstica a nível de criação, se sentem feridas emocionalmente, e muitas vezes não conseguem compreender esses sentimentos. Fator que o profissional de psicologia pode auxiliar.

1.1.4 Negligência

É a omissão de responsabilidade dos adultos pelas crianças que necessitam de assistência para realizar a maioria das tarefas, pois ainda não detém de força e porte físico suficiente, nível de raciocínio suficiente, etc.

2. COMO IDENTIFICAR UM TRAUMA INFANTIL

Para trabalhar com a criança ainda no período da infância como fator preventivo de traumas, primeiramente deve-se atentar aos comportamentos que mostrem que a criança está submetida à situações de risco. Identificar, porém, não é simples no período da infância, pois

muitas vezes essas crianças não falam abertamente por medo de serem castigadas pelas pessoas envolvidas nessas ocasiões.

Durante a infância, o meio mais fácil de verificar que existem situações estressoras são por via do comportamento e, principalmente, mudança de comportamento das crianças no meio em que estão inseridas. Pensando dessa forma, a psicologia e pedagogia estão alinhadas no propósito de verificar essas ocasiões para identificação da situação potencialmente traumática, levando em conta que o ambiente em que as crianças mais frequentam são as escolas e unidades de ensino.

A parte física esboça maior evidência a existência de maus-tratos infantis. Entretanto, características ao nível afetivo aparecem por meio de baixa autoestima, medo constante e insegurança geralmente relacionada com angústia e raiva. O comportamento da criança também é alterado e comportamentos autodestrutivos e que contradizem as regras são comuns. As crianças que passam por situações de abusos e negligência demonstram dificuldades na percepção e concordância de leis sociais e morais, dificuldades de relacionamento interpessoal, chegando a ter condutas antissociais (CAMACHO, 2012).

Para identificar possíveis situações de violência, pode-se observar a criança fisicamente, se existem lesões, machucados sem explicação plausível, as roupas não condizerem com o clima, irritabilidade e comportamentos violentos com o próximo. Já a violência sexual traz comportamentos mais emocionais que físicos. A criança se isola, sente-se muito envergonhada em situações que não demandam nenhum tipo de exposição, choram com muita facilidade, evitam contato físico com adultos e tem muito medo. Outras questões são afetadas como uma autoimagem negativa, a inapropriada vazão aos impulsos agressivos, a falta de confiança em outros e a dificuldade em se relacionar com os pais e companheiros são, provavelmente, resultantes da experiência com a violência. (KINARD, 1979)

É possível identificar também em crianças traumatizadas a inabilidade de cultivar relações efetivas com pares de idade, desafios no ajustamento ao ambiente escolar e taxas elevadas de problemas comportamentais e de psicopatologias. (KIN CICCHETTI, 2004).

Diante dos comportamentos é possível verificar hipóteses bem contundentes, porém um trabalho psicológico não pode ser realizado apenas por suspeitas. Para que as hipóteses se transformem em diagnósticos reais, o profissional de psicologia conta com o auxílio da avaliação psicológica por meio de testes psicológicos classificados como testes projetivos e testes psicométricos que tem a validação necessária para atestar que os traumas estão presentes.

3. PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO

A psicologia infantil é uma tremenda aliada na formação do caráter de personalidade do ser humano. De acordo com Leontiev (1978), este é o período espontâneo do desenvolvimento deste sistema. Suas implicações conseguem verificar a presença de fatores que ameacem a qualidade psíquica na infância e possui aplicabilidade preventiva, pois auxilia aquele ser em formação a superar dificuldades que poderiam arriscar a qualidade de vida psíquica durante toda a vida.

O desenvolvimento da personalidade se dá após os seis anos de idade quando a criança começa a ter consciência do eu e se desvincula do processo de ser uma extensão do cuidador. Nesse momento, ela começa a entender e dar significado aos acontecimentos vinculados a ela. Por esse motivo, essa fase do desenvolvimento em especial requer uma semiliberdade, que o cuidador tem que dar o espaço da criança se desenvolver e direcionar de maneira saudável os significados. (VYGOSTKY, 1932)

Uma família desarmoniosa, porém, é incapaz de proporcionar à criança essa sensação de segurança quanto aos seus sentimentos, fazendo com que a mesma se sinta perdida, sem direcionamento, e utilizando do medo, angústia e castigos para promover o conhecimento. Com a falta de comunicação, o menor começa a repetir os exemplos que tem em casa e ter atitudes desproporcionais a sua idade.

Segundo a Teoria Freudiana da consciência, a cura vem da expressão do sentimento, do tomar consciência. Durante todo seu trabalho com a cura de paranoides, Freud pregou que dar luz a consciência poderia resultar na cura do trauma. Sob a mesma perspectiva Carl Jung diz que até nos tornarmos conscientes, o inconsciente irá dirigir a vida, e nós chamaremos de destino, portanto, as curas advêm da necessidade da compreensão do não compreendido. (JUNG, 1930)

Anne Freud, reconstituindo a ideia do pai, atribuiu o contato com as crianças, trazendo luz a consciência através da repetição do momento potencialmente traumático. A psicanalista Klein utilizou dessa teoria e começou o trabalho de elucidação através do brincar, a técnica através do brinquedo é importante, pois percebeu que a relação que as crianças traziam na brincadeira aliviavam as angústias. (KLEIN, 1926)

Neste momento, a pedagogia entra em cena verificando as atitudes diferentes dessa criança em meio a outros, e comunica as desestabilidades aos pais. A psicologia então é acionada para resolutividade, porém é importante ressaltar que a mudança principal a ser realizada é o contexto.

Muitos pais não têm noção dos impactos negativos que causam na vida das crianças, pois o ciclo vicioso está instaurado. Pessoas que viveram em um contexto doentio a vida inteira, entendem que aquele é esquema de normalidade. E, muitas vezes, a família está por completo adoecida e não tem noção dessa realidade. Daí a necessidade de o trabalho do psicólogo estar intimamente ligado ao trabalho escolar, pois a percepção do olhar do psicólogo incitará a mudança daquelas crianças que não foram percebidas como carregando um possível trauma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta os estudos realizados para produção do artigo, é possível concluir que o trabalho de ressignificação de situações potencialmente traumáticas deve ser realizado o mais breve possível, enquanto a situação estressora não se torne recorrente ou taxada como natural. Para que esse trabalho seja produtivo, é importante a observação das crianças em seu ambiente comum, que na realidade atual, é o ambiente escolar de ensino.

Isso consegue elucidar o fato de que apenas o trabalho do psicólogo não é suficientemente satisfatório, necessitando de uma rede interdisciplinar constituída pela pedagogia (que detém o conhecimento do comportamento das crianças, e assim, se torna mais atento a quaisquer mudanças drásticas) e da psicologia já inserida no meio educacional para intervenção rápida.

A Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019, prevê que as redes públicas de Educação Básica contarão com serviços da Psicologia e do Serviço Social para atender às necessidades e prioridades definidas pelas políticas de educação. O objetivo é agregar qualidade ao processo de aprendizado e formação social de estudantes, bem como à convivência escolar e à relação família-escola, integrando as equipes multidisciplinares na condição de profissionais da Educação.

A ideia de o psicólogo já estar no ambiente escolar, não desqualifica o encaminhamento clínico, mas sugere que sua atuação pode ser mais rápida pela formação de vínculos já estar estabelecida, assim como o contato com o contexto e redes de apoio diretas: Escola e Família. Além disso, o psicólogo nesse contexto, terá mais conhecimento sobre os encaminhamentos que devem ser realizados, agilizando o processo de intervenção.

O Conselho Federal de Psicologia, em conjunto com o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) e entidades das áreas, tem mobilizado esforços para implementar efetivamente a Lei 13.935 por estados e municípios brasileiros, assim como cobrar o investimento monetário via Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb). Em dezembro de 2021, a Lei 13.935 foi legalmente inserida como ação a ser custeada pelo Fundeb, na parcela de 30% dos recursos que podem ser utilizados pelos municípios, estados e o Distrito Federal para custear ações na área. Porém, como muitas leis brasileiras, a realidade do sistema é diferente do proposto.

Muitas escolas, estão utilizando do serviço de psicologia apenas como uma obrigatoriedade administrativa, sem saber os verdadeiros benefícios que a presença dessas duas instâncias, dentro das instituições, podem agregar na formação das crianças, e consequentemente, dos futuros adultos viventes no país.

Uma possível solução seria, além da verdadeira presença desses profissionais na escola, um trabalho de conscientização da família a respeito do trabalho desenvolvido, as vantagens do acompanhamento psicológico, da escuta qualificada, acolhimento e terapia, assim como a ponte entre família, psicólogo e o desenvolvimento pessoal, emocional e intelectual das crianças.

Referências

ÂNGELA L. FIGUEIREDO, JOSÉ C. DELL'AGLIO, THIAGO L. SILVA, LUCIANO DIAS DE M. SOUZA, IRANI IRACEMA DE L. ARGIMON. **Trauma infantil e sua associação com transtornos do humor na vida adulta: uma revisão sistemática.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 480-496, dez. 2013

CAMACHO, L.M.T. **O Desenvolvimento Psicossocial de Crianças e Jovens em Risco Institucionalizadas.** Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Organizacional, Instituto Superior de Língua e Administração. 2012.

CARAVANTES, L. *Violencia intrafamiliar en la reforma del sector salud.* In: COSTA, A.M.; MERCHÁN-HAMANN, E.; TAJER, D. (Orgs.). **Saúde, equidade e gênero: um desafio para as políticas públicas.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. p.18

CHAMON, M. Q. O., EDNA. ALVES DA SILVA, ODETE, CHAMON, MARCO ANTONIO. **Estresse e Estratégias de Enfrentamento: Instrumentos de Avaliação e Aplicações.** XXXII Encontro Ampad, Rio de Janeiro, 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP N.º 007/2003.** _____. Resolução CFP N.º 010/2005.

FLORES, VANDA DE SOUZA. **Traumáticas da infância e suas consequências nas várias etapas da existência humana.** Instituto Superior de Ciências da Saúde. Bahia, 2018. Disponível em: < <https://grupoomega.org/grupoomega/artigos/TRAUMAS-DA-INFANCIA-E-SUAS-CONSEQUENCIAS-NAS-VARIAS-ETAPAS-DA-EXISTENCIA-HUMANA.pdf>>. Acesso em: 10/2022

FREUD, S. (1980e). **O Estranho.** In. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud (J. Salomão, Trans..) (Vol. 17. Pp 273-318.) Rio de Janeiro: Imago (Trabalho Original publicado em 1919).

FREUD, S. **A etiologia da histeria** (1896). In: FREUD, S. Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899) Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Ed. standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 5)

FREUD, S. Charcot (1893). In: FREUD, S. **Primeiras publicações psicanalíticas** (1893-1899) Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Ed. standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3)

FREUD, S. **Carta 69**: extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 (1892-1899)) (1897). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Ed. standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1)

FREUD, S. **Conferências introdutórias sobre psicanálise** (1892-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Ed. standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16)

FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia** (1926). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Ed. standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20)

FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II** (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Ed. standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12)

FURNISS (1993) conceitua o abuso sexual de crianças e adolescentes como uma em que se constrói e efetua” (BRAsIl, 2002, p. 15)

GOMES, Gilberto. **A teoria freudiana da consciência. Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 19, p. 117-125, 2003.

GUIMARÃES, André e Silva; VASCONCELOS, Luís Augusto. A Saúde Coletiva e a Criança com Comportamentos Externalizantes: uma revisão de literatura. **Physis: Revista de Saúde Coletiva** [online]. 2021, v. 31, n. 04, e310424. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310424>>. Acesso em: 10/2022

KIM, J.; CICCHETTI, D. *A longitudinal study of child maltreatment, mother-child relationship quality and maladjustment: The role of self-esteem and social competence. Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(4), 341–354, 2004.

KINARD, E. Milling. *Journal of Social Issues*, v35 n2 p82-100 Spr, 1979.

KLEIN, M. **A técnica da análise de crianças pequenas**. In A psicanálise de crianças. Obras completas de Melanie Klein. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1926.

LAZARUS, Richard S.; FOLKMAN, Susan. **Stress, appraisal, and coping**. Springer publishing company, 1984.

LEONTIEV, A.N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. Desenvolvimento Psíquico e Elaboração Conceitual por Alunos com Deficiência Intelectual na Educação Escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial** [online]. 2017, v. 23, n. 1, p. 9-20. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382317000100002>>. Acesso em: 10/2022

PINO, Angel. As marcas do Humano. S. Paulo: Cortez Editora, 2005.

SILVA, L.L. ET AL. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.11, n.21, p.93-103,jan/abr 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/9SG5zGMVt4VFDZtzbX97MkP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em:

SILVA, L.L. ET AL. **Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica.** Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.11, n.21, p.93-103,jan/abr 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/9SG5zGMVt4VFDZtzbX97MkP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em:

UNICEF. Situação mundial da infância - 2003. Brasília (DF): Escritório da Representação do **UNICEF** no Brasil; 2003.

VYGOTSKI, L. S. (2013b). **Obras Escolhidas IV.** Madrid: Visor. (Original publicado em 1932)

WOLF, Mauro. Contextos e Paradigmas nas Pesquisas sobre as Mass Media e A Teoria Hipodermica. In: **Teorias da Comunicação.** Lisboa, 1995. Pp.21-33

ZAVARONI, Dione M L. VIANA, Terezinha Camargo. **Trauma e Infância** : Considerações sobre a Vivência de Situações Potencialmente Traumáticas. Disponível em : <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/ZSxxb85nzh4spnyZbQsGY7D/?lang=pt> >. Acesso em: 10/2022